

## RESISTÊNCIA E TESTEMUNHO NO CONTO OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

RESISTANCE AND TESTIMONY IN THE SHORT STORY *OLHOS D'ÁGUA*, BY  
CONCEIÇÃO EVARISTO

*Luzia da Silva Melo*<sup>1</sup>

*Josi Maria Silva Belo*<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo analisa o conto a partir das noções teóricas da resistência e do testemunho na narrativa do conto, *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, destacando como a autora constrói um espaço de denúncia social e afirmação da subjetividade negra feminina. A partir do conceito de *escrevivência*, desenvolvido pela própria autora, a pesquisa destaca o modo como a escrita literária transforma experiências pessoais e coletivas de dor, pobreza e racismo em gestos políticos e poéticos de resistência. A fundamentação teórica apoia-se em autores como Bosi (2002, 2015), Seligmann-Silva (2008), Ginzburg (2008) e Spivak (2010), que refletem sobre memória, trauma, subalternidade e poder de enunciação. A análise do conto "*Olhos d'Água*" revela que o testemunho da narradora-filho reconfigura a memória materna e ancestral como forma de resistência frente ao apagamento histórico. A imagem dos "olhos d'água", símbolo de sofrimento e de força, expressa a continuidade das dores coletivas e das violências interseccionais sofridas pelas mulheres negras. Assim, o texto evaristiano reinscreve vozes antes silenciadas, convertendo a escrita em espaço de escuta e visibilidade. Assim, compreendemos que ao unir *escrevivência*, testemunho e resistência, Conceição Evaristo rompe com a tradição eurocêntrica e patriarcal da literatura brasileira, promovendo uma descolonização<sup>3</sup> da narrativa e uma reinscrição da voz subalterna feminina. A autora demonstra que escrever, nesse contexto, é um ato de (re)existência e de afirmação identitária que transforma a dor em potência estética e política.

**Palavras-chaves:** *Escrevivência*; Evaristo; Memória; Literatura de resistência; Literatura de testemunho;

### Abstract

<sup>1</sup>Discente do curso de Pós-graduação em Linguagem e Práticas Sociais do Instituto Federal de Pernambuco, Campus Garanhuns.

<sup>2</sup>Docente do curso de Pós-graduação em Linguagem e Práticas Sociais do Instituto Federal de Pernambuco, Campus Garanhuns.

<sup>3</sup>Frantz Fanon (1961) entende a descolonização como um processo radical de ruptura, por meio do qual os povos colonizados recuperam sua humanidade negada e reorganizam o mundo a partir de suas próprias experiências históricas e culturais.

This article analyzes the short story *Olhos d'Água* by Conceição Evaristo through the theoretical notions of resistance and testimony, highlighting how the author constructs a space of social denunciation and affirmation of Black female subjectivity. Drawing on the concept of *escrevivência*, developed by Evaristo herself, the study emphasizes how literary writing transforms personal and collective experiences of pain, poverty, and racism into political and poetic gestures of resistance. The theoretical framework is based on authors such as Bosi (2002, 2015), Seligmann-Silva (2008), Ginzburg (2008), and Spivak (2010), who reflect on memory, trauma, subalternity, and the power of enunciation. The analysis of the short story *Olhos d'Água* reveals that the testimony of the daughter-narrator reconfigures maternal and ancestral memory as a form of resistance against historical erasure. The image of the “*olhos d'água*,” a symbol of both suffering and strength, expresses the continuity of collective pain and the intersectional violence experienced by Black women. Thus, Evaristo’s text reinscribes previously silenced voices, transforming writing into a space of listening and visibility. We therefore understand that by bringing together *escrevivência*, testimony, and resistance, Conceição Evaristo breaks with the Eurocentric and patriarchal tradition of Brazilian literature, promoting a decolonization of narrative and a reinscription of the subaltern female voice. The author demonstrates that writing, in this context, is an act of (re)existence and identity affirmation that transforms pain into aesthetic and political power.

**Keywords:** *Escrevivência*; Evaristo; Memory; Resistance Literature; Testimonial Literature.

## Introdução

A literatura produzida por mulheres negras no Brasil desempenha um papel fundamental ao questionar os espaços historicamente negados a elas nas diversas esferas sociais, especialmente no cânone literário. Nesse contexto, é essencial que essas mulheres façam suas vozes serem ouvidas, pois elas constituem uma forma de (re)existir e de resgatar suas identidades, contribuindo para a desconstrução da subalternidade no espaço literário brasileiro. O presente estudo toma como corpus o conto *Olhos d'Água*, da autora contemporânea Conceição Evaristo. Nascida na periferia de Belo Horizonte (MG) e atualmente residente no Rio de Janeiro, Evaristo escreve desde a década de 1990 e é professora aposentada do estado. Sua produção literária e acadêmica busca dar voz a indivíduos marginalizados, enfatizando, na literatura afro-brasileira, a ancestralidade e as opressões de gênero, raça e classe, como ressalta a jornalista FUKS (2020), em entrevista com a autora, divulgada no portal do Itaú. A narrativa destaca a mulher negra em sua luta cotidiana pela sobrevivência, marcada pela pobreza e pela dor, mas também por resistência e esperança, elementos centrais que precisam ser amplamente reconhecidos. Assim, o presente trabalho tem como objetivo examinar de que maneira *Olhos d'Água* apresenta vozes de resistência e de testemunho por meio das experiências vividas pelas personagens. Nesse sentido, Bosi (2015) observa que, na literatura, a resistência reflete as condições sociais e políticas e se materializa como uma ação, por meio da escrita, que busca questionar e transformar a realidade. Acerca do testemunho, Ginzburg (2008, p. 6) destaca que estudar o testemunho implica reconhecer que aos excluídos cabe falar e definir seus próprios modos de fazê-lo, evidenciando como a escrita das personagens não apenas narra experiências, mas também constitui um ato de

afirmação, resistência e reconstrução da memória coletiva.

Este artigo dá continuidade a reflexões desenvolvidas em trabalho anterior, intitulado [“Olhos d’Água: escrevivência de mulheres pretas, em Evaristo”](#) Melo e Silva (2021), no qual foram analisados os aspectos identitários e simbólicos da escrevivência como expressão da subjetividade feminina negra. No presente estudo, amplia-se essa abordagem ao investigar as dimensões do testemunho e da resistência na narrativa, destacando como Conceição Evaristo transforma a memória e a dor em gestos de (re)existência e de afirmação política.

## **Fundamentação Teórica**

Os estudos sobre narrativas de testemunho têm ganhado destaque nas últimas décadas, sobretudo no campo da literatura, pois esses relatos possibilitam compreender traumas tanto individuais quanto coletivos. É, portanto, fundamental compreender o testemunho, que se origina a partir das memórias daqueles que vivenciaram catástrofes, em especial de caráter coletivo, a exemplo da *Shoah*. Nesse sentido, García (2003, p. 12) compreende o testemunho como uma forma contemporânea de criação literária que se opõe ao cânone e às esferas opressivas de poder — sociais, políticas, culturais, raciais e econômicas — responsáveis por práticas históricas de dominação e exclusão. Para o autor, essas esferas atuam de maneira articulada, silenciando vozes subalternas e marginalizando determinados grupos sociais. Tais esferas operam de forma interligada, contribuindo para a marginalização de determinados grupos, silenciando as vozes subalternas. De modo que, segundo García (2003, p. 62), a escrita do testemunho emerge como resposta às violências e abusos do Estado, funcionando como um gesto de amparo simbólico àqueles que sofreram diferentes formas de violência. Nesse sentido, o testemunho ultrapassa a dimensão narrativa e assume um compromisso ético e político com a memória dos sujeitos afetados.

Ao trazermos esse pressuposto e o conectarmos ao processo de escrevivência — que também se constitui como testemunho, por ser formado pelas vivências de pessoas que sofreram e ainda sofrem as marcas da escravização iniciada no século XVI no Brasil — percebemos as cicatrizes coletivas e individuais deixadas, sobretudo, nas mulheres negras. Para aprofundar essa compreensão, Seligmann-Silva (2003) apresenta a concepção de que o testemunho se dá por meio da escrita de experiências traumáticas, coletivas ou individuais, que foram historicamente silenciadas. Desse modo, o testemunho pode ser compreendido como a voz do sobrevivente que compartilha com o outro sua vivência-limite. Trata-se, de acordo com o autor, de “uma modalidade da memória” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 73), pois se constitui a partir do esforço de recordar e narrar experiências traumáticas que marcam profundamente o sujeito. Nesse sentido, o testemunho tem a ver com a elaboração de lembranças que persistem como fragmentos de dor, retornando de forma descontínua e muitas vezes resistente à linguagem. Ao exigir a presença de um outro que escuta, o testemunho também assume

uma dimensão ética, já que a narrativa só se completa na relação entre quem fala e quem acolhe a fala. Assim, testemunhar implica não apenas rememorar, mas transformar a memória individual em um gesto de responsabilidade histórica, que resiste ao esquecimento e denuncia as violências que produziram o trauma.

A noção de memória coletiva é essencial para compreender como experiências individuais de sofrimento, violência e resistência se articulam dentro de grupos

historicamente marginalizados. Maurice Halbwachs (2006) afirma que a memória não é apenas uma capacidade individual, mas é construída socialmente, sendo compartilhada e transmitida dentro dos grupos aos quais pertencemos. Complementando essa perspectiva, Michael Pollak (1992) enfatiza que as lembranças de grupos oprimidos muitas vezes permanecem como “memórias subterrâneas”, isto é, narrativas silenciadas pelo discurso oficial, mas que persistem como forma de resistência e afirmação identitária. Essas memórias, ainda que vividas de maneira singular, conectam sujeitos que partilham trajetórias semelhantes de violência e exclusão, constituindo um repertório coletivo que preserva histórias não reconhecidas pelas instâncias hegemônicas. Assim, compreender a memória coletiva permite reconhecer de que modo experiências de mulheres negras, marcadas pelo racismo e pelo machismo, se transformam em narrativa, denúncia e testemunho — elementos centrais para práticas literárias como a escrevivência.

Embora Seligmann-Silva (2008) se refira às catástrofes do século XX, como as guerras e os genocídios, o conceito de testemunho como modalidade da memória pode ser ampliado para outros contextos históricos de violência e silenciamento, como o processo de escravização dos povos africanos e seus descendentes no Brasil. Assim como nas catástrofes modernas, a escravização constituiu uma experiência coletiva de trauma e desumanização cujas marcas permanecem inscritas na cultura, na memória e nas narrativas das populações negras. Desse modo, a escrita de Conceição Evaristo, ao registrar as vozes e dores herdadas desse passado, realiza um gesto de testemunho que resgata e reinscreve memórias apagadas pela história oficial.

As consequências desses processos históricos permanecem e podem ser compreendidas como verdadeiras catástrofes que geram traumas profundos. O racismo e o machismo, por exemplo, configuram sistemas de opressão que atingem especialmente as mulheres negras, produzindo violências que vão do preconceito cotidiano às agressões físicas, psicológicas e emocionais. Embora vividas de forma individual, essas experiências se articulam e formam uma memória coletiva de dor, mas também de resistência.

É nesse contexto que surge o conceito de escrevivência, elaborado por Conceição Evaristo. A autora explica que sua escrita nasce das histórias que ouviu de mulheres de sua família e de outras mulheres negras, sendo marcada por vivências, memórias, perdas, conquistas, dores e alegrias compartilhadas ao longo de gerações. Para Evaristo (2011), a escrevivência é uma forma de registrar experiências que foram historicamente silenciadas, permitindo que essas vozes — antes apagadas — passem a ocupar espaço na literatura e na memória social.

Assim, a escrevivência se aproxima dos princípios da literatura de testemunho e de resistência, pois transforma experiências individuais em narrativas que revelam dimensões coletivas da vida das mulheres negras. Ao registrar essas vivências, a escrita

se torna um gesto de enfrentamento às estruturas que buscam invisibilizar essas histórias, reafirmando a potência e a continuidade dessa resistência. Bosi (2002) define a resistência na literatura como um conceito ético e estético que cria tensões contra as opressões e dominações, desafiando os discursos hegemônicos. Em *Literatura e Resistência*, o autor afirma: “Chamo de resistência (...) o gesto, a palavra ou pensamento que se voltam contra o sistema de dominação material e simbólica” (BOSI, 2002, p. 131). Para o autor, a resistência manifesta-se tanto na forma quanto no conteúdo da obra, configurando-se como uma força que se opõe a outra, ou seja, um gesto de enfrentamento diante das estruturas de dominação. Assim, pode-se compreender que, no

plano do conteúdo, a resistência se dá através da abordagem de determinados temas - como opressão, miséria e desigualdade; enquanto que na forma, ela pode surgir, por exemplo, na abordagem de linguagens representativas de grupos marginalizados. Veja-se como exemplo o romance *Neca*, de Amara Moira, escrito inteiramente em bajubá — linguagem criada e preservada pelas travestis e mulheres trans como estratégia de proteção e comunicação comunitária. Ao transpor essa língua para a literatura, Moira rompe com a norma linguística dominante e desloca para o centro do discurso uma expressão associada à marginalização, realizando um gesto de resistência estética e simbólica. Na mesma direção, o livro *Bajubá: Memórias e diálogos das travestis*, de Gabriela Costa Araujo, evidencia como essa linguagem guarda narrativas, afetos e experiências que compõem uma memória coletiva das travestis brasileiras, reafirmando sua resistência cultural.

Esse movimento se articula diretamente com a crítica de Dalcastagnè (2018), para quem o cânone literário não constitui um conjunto de obras naturalmente superiores, mas um regime de poder cultural que historicamente seleciona e legitima determinados grupos sociais em detrimento de outros. Assim, quando obras como as de Moira e Araújo introduzem no campo literário as vivências e linguagens de comunidades marginalizadas, elas não apenas ampliam as possibilidades narrativas, mas tensionam os critérios tradicionais de legitimidade e questionam as fronteiras do próprio cânone. Ao narrar experiências que foram sistematicamente excluídas da literatura hegemônica, tais obras realizam, portanto, um ato de resistência que desloca hierarquias simbólicas e reivindica novos espaços de fala e representação.

A resistência também se manifesta quando a literatura recusa os limites impostos pelas ideologias dominantes, como a mídia e o mercado editorial. A mídia — jornais, televisão, rádio e redes sociais — não é neutra; atua como formadora de opinião, moldando valores, comportamentos e concepções de acordo com os interesses dos grupos dominantes. O mercado editorial também não é neutro, pois define o que será publicado, distribuído e lido com base em critérios comerciais, legitimando certos valores culturais e determinando quais vozes permanecem à margem. Nesse contexto, o testemunho e a escrevivência surgem como formas de resistência, rompendo barreiras e trazendo à tona narrativas historicamente silenciadas, desafiando o cânone literário e a hegemonia cultural dominante. Desse modo, a literatura vai além da dimensão estética: torna-se um meio de dar voz, questionar e contestar o mundo e suas estruturas sociais, gerando novos sentidos.

### **Resistência e Testemunho em *Olhos d'Água***

O conto que dá nome ao livro, *Olhos d'Água* (2016), é narrado por uma filha que se questiona sobre a cor dos olhos da mãe. Ao longo da narrativa, enquanto reflete sobre suas próprias experiências, ela retorna repetidamente a essa dúvida. Logo na segunda linha do conto, encontramos a passagem: “Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2016, p. 15). Essa questão orienta o enredo de forma circular, conectando três gerações — neta, filha e avó — em que as duas primeiras compartilham a mesma inquietação sobre a cor dos olhos da mãe. Assim, a busca pela memória materna funciona como um ato de resistência frente ao esquecimento cotidiano e às estruturas de poder e exclusão social presentes na vida contemporânea. Essa resistência se manifesta quando, ao tentar reconstruir o rosto da mãe, a narradora enfrenta o risco

constante do apagamento imposto pelas condições de pobreza, violência e desumanização. Lembrar da mãe torna-se, portanto, uma forma de preservar a própria identidade e de reafirmar vínculos afetivos que o cotidiano brutal tenta romper. A memória, nesse sentido, atua como força política: ao recuperar gestos, cheiros e afetos, a narradora cria um território íntimo de proteção que se opõe ao esquecimento socialmente estruturado. O gesto de rememorar transforma a dor em testemunho e inscreve a experiência da personagem em uma história coletiva de resistência, reafirmando a importância da subjetividade negra em meio às opressões que buscam apagá-la.

A pesquisadora Ecléa Bosi (1994), em *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, afirma que lembrar é um ato de resistência, sobretudo quando as memórias dizem respeito a pessoas marginalizadas. Para a autora, a recordação é uma ferramenta poderosa para combater a invisibilidade daqueles que vivem às margens da sociedade. Na obra de Evaristo, identificamos outro fato marcante de resistência quando a personagem — a filha — declara: “[...] saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás” (EVARISTO, 2016, p. 18). Ao deixar a casa materna, ela resiste por meio da mudança e da busca por emprego e estudo, rompendo o ciclo de exclusão imposto pela colonização contemporânea. Esta que segundo Quijano (1992) e Mignolo (2005), ultrapassa a dominação política formal, manifestando-se de maneira econômica, cultural e epistemológica. Estruturas coloniais históricas persistem, subordinando grupos sociais historicamente marginalizados a centros de poder simbólico e cultural. Para Santos (2007), essa colonização se mantém por meio do controle do saber, da cultura e das instituições globais, enquanto Mbembe (2013) evidencia seu impacto sobre vidas e corpos em contextos de exclusão social e racial.

Ao longo de todo o conto, a filha rememora que os olhos da mãe estão sempre marejados, como se chorassem continuamente. Mesmo sem lembrar a sua cor exata, associa-os à água, elemento que evoca tanto a travessia forçada de seus ancestrais quanto a perda que marcou a história de tantos deles:

E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva [...] Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela? (Evaristo, 2016, p. 17-18).

Essa metáfora transforma-se, assim, em símbolo de sofrimento e, ao mesmo tempo, de resistência silenciosa. Observa-se também que o testemunho dessa dor não se cala; ao contrário, manifesta-se como ato de denúncia e preservação da memória. Isso ocorre quando, ao narrar sua dificuldade em recordar a cor dos olhos maternos, a narradora expõe o trauma do apagamento provocado pelas estruturas de exclusão e pobreza. Em vez de silenciar, ela transforma a dor em narrativa, evidenciando as violências que tentam rasurar a história e a subjetividade das mulheres negras. Dessa forma, o testemunho emerge como força de resistência e como mecanismo de preservação da memória, garantindo que experiências marcadas pela opressão sejam reconhecidas, lembradas e transmitidas às gerações seguintes como forma de reavivar o que as narrativas históricas oficiais tentam apagar.

O sofrimento experimentado materializa-se em uma escrita que apresenta elementos contíguos à escrita de testemunho, no sentido de que não apenas relata acontecimentos, mas registra experiências vividas, dando voz a sujeitos historicamente

marginalizados. A narrativa transforma-se em um espaço de memória e resistência, permitindo que a dor, a luta e a vida das mulheres negras e de seus ancestrais sejam preservadas e transmitidas. Ao combinar recursos expressivos, como metáforas, personificações e paralelismos, a escrita evaristiana torna-se um instrumento de afirmação identitária, ética e cultural, articulando o pessoal e o coletivo e desafiando os silenciamentos impostos pelas estruturas sociais dominantes. Seligmann-Silva (2003, p. 55) afirma que as narrativas de testemunho articulam-se à memória daqueles que já não estão presentes, configurando-se como um gesto simbólico de preservação de experiências traumáticas. Produzir testemunhos, nesse sentido, significa resistir ao apagamento histórico e impedir que essas vivências sejam silenciadas novamente. Assim, produzir esses testemunhos representa uma forma simbólica de preservar essas histórias, evitando que sejam esquecidas ou silenciadas novamente. O trecho a seguir reforça o comprometimento da obra de Evaristo em resgatar e preservar a memória do seus ancestrais:

[...] já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (Evaristo, 2016, p. 18) .

Compreendemos que o trecho citado reforça a ideia de que o testemunho literário não se limita à experiência individual da narradora; ele se expande para abarcar a memória coletiva das mulheres negras que vieram antes dela. Quando Evaristo menciona as “ancestrais [...] que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue”, ela está ativando uma memória que atravessa gerações e conecta passado e presente.

A evocação das Yabás — figuras femininas divinas da tradição iorubá — fortalece a dimensão espiritual, simbólica e histórica desse testemunho. Assim, o fragmento reforça que narrar é também honrar a continuidade de uma linhagem, resgatando vozes que foram silenciadas pela violência colonial e patriarcal. Portanto, o testemunho adquire um caráter de resistência, preservando experiências que poderiam ser apagadas - e foram, em certa medida - ao mesmo tempo em que afirma a força e a sabedoria das mulheres negras ancestrais.

Ao narrar suas memórias e testemunhos, a personagem também dá voz à experiência ancestral de seus antepassados, revelando a violência e a luta vividas por

Instituto Federal de Pernambuco. *Campus Garanhuns*. Especialização em Linguagem e Práticas Sociais. 09 de fevereiro de 2026. 7  
suas ancestrais que foram sequestradas e trazidas à força pelo Atlântico. Penna (2003) destaca que o testemunho latino-americano se constrói como uma narrativa que se contrapõe à história oficial da colonização, funcionando como forma de resistência frente aos discursos hegemônicos. Ao manter viva a memória das violências coloniais, o testemunho reafirma a existência e a voz de sujeitos historicamente marginalizados. Outrossim, toda a narrativa de Evaristo se estrutura por meio de recursos linguísticos e estéticos que reforçam essa prática da resistência, como se percebe no trecho a seguir:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas.  
Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço.  
E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós  
(Evaristo, 2016, p. 17).

Notamos que a filha (narradora) preserva e narra as memórias de momentos vivenciados com a mãe, como testemunha de uma história de pobreza, sofrimento e dor, ela resiste ao esquecimento e às estruturas de opressão, resiste por meio da memória e da narrativa. Ao rememorar a história da mãe e de seus ancestrais, ela recupera

experiências que a sociedade busca silenciar, reafirmando a continuidade de sua história familiar e cultural. Esse ato de lembrar constitui uma forma de resistência simbólica, preservando identidades e vivências historicamente marginalizadas. Além disso, ao articular sua própria voz, a personagem confronta discursos que desumanizam mulheres negras e periféricas, rompendo com a marginalização imposta pelo cânone literário eurocêntrico e pelas estruturas sociais dominantes. A narrativa de Evaristo (2016) dá voz àqueles que foram silenciados, na medida em que imprime em sua escrita a densidade emocional da dor, como também a singularidade e seu próprio drama rompendo, assim, com a tradição hegemônica que cala, agride e maltrata os corpos negros, principalmente os femininos.

De acordo com Bosi (1996), a resistência na literatura não se apresenta de forma óbvia ou meramente panfletária, mas é intensa e significativa. Ela se manifesta de maneiras sutis, por meio de escolhas estéticas que refletem o enfrentamento de opressões. Na narrativa de Evaristo, isso pode ser percebido em detalhes, como o olhar atento da mãe, o choro, ou as cenas que retratam situações de vulnerabilidade e conflito. Esses elementos funcionam como marcas de uma resistência silenciosa, mostrando que a luta e a afirmação de identidade não dependem de declarações explícitas, mas podem emergir na forma como a história é contada, nas ações e na expressão das personagens. Segundo Evaristo (2020), a escrita nasce das experiências vividas e compartilhadas — a *escrevivência* — constituindo uma forma de transformar memória, corpo e cotidiano em gesto político. De acordo com a autora, o ritmo da narrativa, a escolha das palavras e a presença de marcas da oralidade não atuam apenas como recursos estilísticos, mas como modos de reinscrever na linguagem a história e a sensibilidade das mulheres negras, suas dores e suas potências. Já para Bosi (1996), a resistência se manifesta quando a literatura acolhe o sofrimento, expõe as violências estruturais e se torna um exercício ético da memória contra as formas de apagamento. Desse modo, a narrativa não apenas relata acontecimentos, mas convoca o leitor a sentir a vivência das personagens, afirmando sua subjetividade e humanidade diante das forças sociais que procuram silenciá-las. Trata-se, portanto, de uma escrita que resiste tanto por lembrar, quanto por fazer lembrar.

Bosi (1996) também ressalta que a literatura tem um papel fundamental na construção da subjetividade. Ao longo de *Olhos d'água*, emergem constantemente aspectos da história, da religião e da condição social das personagens permitindo que suas vozes, historicamente silenciadas, sejam ouvidas. Essa forma de escrita rompe com as normas da literatura tradicionalmente eurocêntrica, que muitas vezes ignora ou desvaloriza as experiências de grupos marginalizados. Assim, a literatura torna-se um instrumento de resistência e recuperação da humanidade, oferecendo às personagens espaço para existir, afirmar sua identidade e confrontar as estruturas sociais e culturais que buscam silenciá-las.

### **Escrevivência: Reinscrição da voz subalterna**

Esse movimento dialoga diretamente com a reflexão de Gayatri Spivak (2010) sobre a dificuldade de a mulher subalterna ser ouvida dentro dos sistemas de poder que historicamente silenciam suas experiências. Ao afirmar que o “subalterno não pode falar”, Spivak denuncia a filtragem e o apagamento das vozes marginalizadas quando mediadas por discursos hegemônicos. É precisamente contra esse apagamento que a *escrevivência* opera: ao transformar a experiência vivida em narrativa, Evaristo produz uma forma de fala que emerge de dentro da própria comunidade, escapando — ou resistindo — às mediações coloniais e patriarcais que Spivak problematiza.

Nesse sentido, ao relatar os cânticos entoados aos ancestrais e mencionar as Yabás, figuras sagradas da religião de matriz africana, a narradora/filha evidencia tanto a trajetória coletiva quanto a reivindicação de pertencimento à história africana, ainda presente na memória sociocultural. Esse gesto inscreve um saber que a colonização tentou silenciar e, assim, confronta o que Spivak chama de “arquivos epistêmicos

coloniais” que definem quem pode ou não ser reconhecido como sujeito de conhecimento. Além disso, a dor do passado é assumida como orgulho e funciona como afirmação identitária, contribuindo para a construção da subjetividade das personagens e configurando um gesto político na literatura das mulheres negras. Nesse contexto, a escrevivência — segundo Evaristo (2011) — consiste em uma escrita fundamentada na experiência vivida, especialmente da mulher negra, em que memória, cotidiano e oralidade se manifestam como marcas de resistência.

No plano individual, a dimensão pessoal da escrevivência aparece quando a filha descreve as condições sociais precárias impostas às famílias negras após a escravização, como no trecho: “E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós” (EVARISTO, 2016, p. 24). Aqui, o gesto materno de proteção evidencia aquilo que Spivak descreve como a estratégia de sobrevivência da mulher subalterna, cuja agência se expressa em práticas cotidianas que a teoria ocidental muitas vezes não reconhece como política — embora o texto de Evaristo revele essa potência.

Portanto, a escrevivência resulta num texto literário que articula passado e presente e que desloca o individual para o coletivo, denunciando desigualdades e celebrando a resistência cotidiana da mulher negra. Em diálogo com Spivak, podemos afirmar que a escrita de Evaristo produz uma forma de representação (*Darstellung*) que não fala “em nome” da mulher negra, mas que permite que ela fale, recriando espaços de enunciação antes negados. Em síntese, trata-se de uma escrita em que o “eu” se integra ao “nós” da comunidade, fazendo emergir dignidade e voz como ato de resistência política — uma escrita que floresce da vida e, simultaneamente, lhe confere sentido, desestabilizando os mecanismos de silenciamento que estruturam a subalternidade.

De modo que vozes como as das personagens evaristianas, dialogam diretamente com a reflexão de Spivak (2010, p. 15): “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” A autora evidencia que a mulher negra, enquanto sujeito subalterno, enfrenta uma opressão interseccional, resultante da combinação de gênero, classe e raça. No conto *Olhos d’Água*, por exemplo, a personagem-mãe é vítima dessa opressão múltipla: sofre pela condição de mulher e mãe, pelas dificuldades econômicas e pela marginalização racial. Esses sujeitos são silenciados reiteradamente, tanto pelo poder colonial ainda vigente quanto pelas estruturas patriarcais que lhes negam voz e autonomia. É nesse contexto que a escrevivência se afirma como um espaço central de resistência, permitindo que essas mulheres retomem para si a própria voz e reafirmem sua identidade frente às forças que buscam silenciá-las.

Por meio da escrevivência, a autora brasileira dialoga com a célebre pergunta de Spivak (2010) — “Pode o subalterno falar?” — e, de certo modo, lhe oferece uma resposta. Conceição Evaristo não apenas demonstra que o subalterno pode falar, como também revela uma experiência subjetiva e visceral expressa na dor cotidiana experimentada pela mãe representada no conto e que é simbolicamente condensada nos “olhos d’água”.

Na literatura evaristiana, não se trata apenas de falar sobre o subalterno, mas de uma escrita produzida pelo próprio sujeito subalterno. A autora lança mão de sua voz e para dar espaço a tantas outras vozes nela representada, realocando-as das bordas para o centro e demonstrando que não é necessário que alguém externo ao grupo oprimido narre ou testemunhe suas vivências: são eles próprios que as vivem e devem, eles mesmos, enunciá-las.

### **Considerações finais**

O conto *Olhos d’Água*, de Conceição Evaristo, evidencia como a literatura pode funcionar como espaço de resistência, testemunho e afirmação da subjetividade de sujeitos historicamente marginalizados, especialmente mulheres negras. Por meio da

escrivência, a narrativa recupera memórias familiares e ancestrais, transformando experiências de sofrimento, pobreza e racismo em gestos de afirmação política e cultural. A personagem-narradora, ao rememorar a mãe e os ancestrais, desafia a lógica do esquecimento e as estruturas opressivas de gênero, raça e classe, articulando passado e presente de forma a criar uma memória viva e resistente.

A análise dos recursos estéticos e linguísticos — como metáforas, personificações e paralelismos — demonstra que a resistência na obra não se limita ao conteúdo, mas também se manifesta na forma da escrita, rompendo com o cânone literário eurocêntrico e os silenciamentos impostos pelas esferas de poder. Nesse sentido, o testemunho presente no conto cumpre função ética, social e política, permitindo que a dor coletiva seja narrada, lembrada e valorizada, enquanto reafirma a dignidade e a voz da mulher negra.

Portanto, a escrita de Conceição Evaristo vai além de um gesto estético: é um instrumento de (re)existência, de visibilidade e de descolonização narrativa. Ao dar voz aos subalternos e reinscrever suas experiências no espaço literário, Evaristo demonstra que a literatura pode ser um potente meio de resistência, preservação da memória e construção de novas formas de conhecimento e pertencimento. *Olhos d'Água* confirma que escrever é, para aqueles historicamente silenciados, um ato de afirmação identitária e política, capaz de transformar dor em potência e invisibilidade em voz.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gabriela Costa. *Bajubá: memórias e diálogos das travestis*. Jundiaí, SP: Paco Editorial / Paco e Littera, 2019.

BOSI, Alfredo. *História concisa: da literatura brasileira*. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo. *Narrativa e resistência*. Itinerários – Revista de Literatura, n. 10, p. 11–27, 1996. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122698>. Acesso em: 24 set. 2025.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2018.

DUARTE, Constância Lima (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Escrivência: a escrita de nós*. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 1, p. 99–103.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FUKS, Rebeca. *Conceição Evaristo: escritora, professora e ativista brasileira*. Ebiografia, 2020. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/conceicao\\_evaristo](https://www.ebiografia.com/conceicao_evaristo). Acesso em: 5 out. 2020.

- GARCÍA, Humberto. *Testimonio y memoria: en América Latina*. Bogotá: Editorial Magisterio, 2003.
- GINZBURG, Jaime. *Linguagem e trauma: na escrita do testemunho*. Conexão Letras, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 61–66, 2008. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55604>.
- GONÇALVES, Ângela Aparecida; BONNICI, Thomas. *O conceito de resistência: em três textos da literatura brasileira à luz da teoria pós-colonial*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, Maringá, v. 27, n. 2, p. 151–161, 2005. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v27i2.196>.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. Lisboa: Antígona, 2013.
- MIGNOLO, Walter D. *A ideia da América Latina*. Tradução de Ana Carolina Lobo. São Paulo: Annablume, 2005.
- MOIRA, Amara. *Neca: romance em bajubá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- PENNA, Cecília. *Testimonio y narrativas: de resistencia*. Buenos Aires: Biblos, 2003.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad y modernidad/racionalidad*. Perú Indígena, Lima, v. 13, n. 29, p. 11–20, 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 78, p. 3–46, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Psicologia Clínica, v. 20, n. 1, p. 65–82, 2008.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O testemunho na era das catástrofes: narrativas e aporias*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- TV PUC-Rio. *Entrevista com Conceição Evaristo*. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-uCVGk8H3I>. Acesso em: 20 nov. 2025.